Paul Crock/AFP

Cooperação entre estados e o governo federal da Austrália já funciona há três anos

Brasil segue Austrália e vai adotar currículo único em 2012

Modelo pioneiro dos autralianos, que também são uma federação, reverteu perda de qualidade no ensino

Assim como o Brasil, Austrália precisa melhorar a competitividade no cenário mundial e a forma escolhida foi investindo em capital humano

Regiane de Oliveira
roliveira@brasileconomico.com.br

A secretária de Educação Básica, Maria do Pilar Lacerda, afirmou durante o evento Diretrizes Curriculares e Expectativas de Aprendizagem, realizado nesta semana pela Fundação Itaú-Social em São Paulo, que o país vai adotar um currículo unificado para a educação, que será desenvolvido no decorrer do próximo ano. E uma das inspirações para o modelo brasileiro são as ações implementadas na Austrália, que também tem um sistema federativo.

Segundo o Barry McGaw, diretor da Agência de Currículo e Avaliação na Austrália (Acara), e um dos mentores do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa, na sigla em inglês), foi a perda de competitividade que motivou o país a mudar os rumos do ensino. "Na primeira avaliação do Pisa, só tínhamos um país à nossa frente em qualidade, a Finlândia. Em 2006, fomos o sexto melhor. Em 2009, perdemos ainda espaço com a entrada de Cingapura e Hong Kong. E a justificativa que muitos educadores davam era de que a prova pedia que os estudantes decorassem o conteúdo. Mas nós íamos mal inclusive nas questões que exigiam apenas interpretação", avalia.

Divulgação

Barry McGaw
Diretor da Acara

"O currículo contempla 80% do conteúdo que deve ser ensinado, o resto cabe a cada um dos estados completar com temas de interesse regional"

McGraw conta que a Austrália passou por duas grandes ondas de reformas, tributária e política, com foco em melhorar a competitividade do país. "E precisávamos de uma terceira reforma, desta vez, de capital humano, a fim de tornar o país mais preparado para a competição internacional", afirma. E a saída para isso, foi mudar a educação por meio da unificação dos currículos.

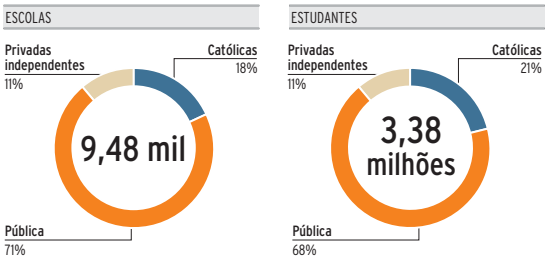
O maior desafio foi construir um currículo comum, respeitando a autonomia de cada estado. Foram definidas quatro disciplinas iniciais: inglês, matemática, ciências e história, cujos trabalhos duraram de 2008 a 2010. "Criamos uma espécie de forma do que queríamos ensinar em cada uma dessas disciplinas, após um estudo comparado do que cada um dos países com performance melhor do que a nossa exigia dos estudantes", afirma. A descoberta foi que, comparado a países como Japão, a Austrália era pouco exigente. E os métodos de ensino utilizados no país eram arcaicos. "A mudança curricular veio junto de um aprimoramento de nosso modelo de capacitação de professores", explica.

A reforma contempla onze disciplinas, e deve terminar em 2013 (ver infográfico). Mas desde já os pais e educadores podem acompanhar o desempenho das escolas. Um site (www.myschool.edu.au) foi criado com dados comparados entre escolas de mesmo porte (mesmo bairro, mesmo poder aquisitivo dos alunos, por exemplo), para facilita a comparação.

McGraw, no entanto, tem dúvidas se este modelo de desenvolvimento educacional pode ser aplicado no Brasil. "Há muitas variáveis que podem influenciar. Será que o Brasil não é grande demais, diverso demais?" São questões para serem levadas em consideração. ■

O TRABALHO PARA REFORMAR A REDE AUSTRALIANA

O SISTEMA DE ENSINO

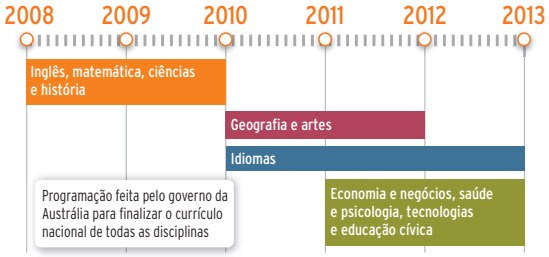


DIAGNÓSTICO COMPARADO – PERFORMANCE DOS PAÍSES NO PISA 2009

	LEITURA	MATEMÁTICA	CIÊNCIAS
MELHORA SIGNIFICATIVA	12 PAÍSES	7 PAÍSES	11 PAÍSES
SEM MUDANÇAS	21 PAÍSES	22 PAÍSES	39 PAÍSES
DECLÍNIO SIGNIFICATIVO	3 PAÍSES	8 PAÍSES	5 PAÍSES

Brasil teve melhora de posição em todas essas categorias, enquanto a **Austrália** teve queda nos resultados de leitura e matemática

ESTRATÉGIA PARA CRIAÇÃO DO CURRÍCULO NACIONAL



Fonte: Barry McGaw

Fonte: Brasil Econômico, São Paulo, 30 nov. 2011, Primeiro Caderno, p. 14.